

Ruether que, com pinceladas brilhantes, extroverte explosiva e simpaticamente toda sua psicologia feminina.

A unidade da obra é dada por Monsenhor Roberts, de cuja introdução transpiram admirável amplitude de visão, simpática benevolência para com o homem e seus problemas e experiência incomum, adquirida através de seus contactos plurinacionais e plurirreligiosos.

A tradução em português, de Sônia Schwartz, vem a nossas mãos com atraso de vários anos. Contudo, o atraso é meramente temporal, pois a encíclica papal *Humanae Vitae* parece não haver pôsto ponto final à polêmica e, ao contrário, tornou o assunto ainda mais atual.

NIKO ZUZEK

\* \*  
\*

RIZZINI (Carlos). — *O jornalismo antes da tipografia*. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968. 204 páginas, ilustrado.

O autor, sobejamente conhecido dos estudiosos da história brasileira pelo seu esplêndido livro sobre Hipólito da Costa, preenche com o presente volume sensível lacuna na bibliografia brasileira. Tal como diz o seu título, seu livro é um estudo das formas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica, sem o uso da letra de forma. Partindo de épocas remotas, não para, todavia, no invento de Guttemberg. Ultrapassa-o, pois a sua fase mais intensa e produtiva — a da gazeta manuscrita — estende-se aos últimos dias do século XVIII, quando os frutos da tipografia haviam já alcançado maturidade e perfeição. “A transmissão oral, o periódico imóvel, a carta particular, na Antigüidade, o jorgalismo e o trovadorismo palaciano e ambulante, e as crônicas, da Idade Média; de novo a carta particular, a carta destinada ao público e carta-de-notícias, o novelismo-de-boca, de café e de rua, a sátira verbal, a escrita, em prosa ou em verso, o pasquim, e, por fim, a gazeta-de-mão, no Renascimento e nos albores da Idade Moderna — constituem os processos históricos do jornalismo antes da tipografia” (do prefácio). São êsses os meios de comunicação estudados pelo autor neste livro: as atas romanas; jorgais e trovadores; os cronistas; novidadeiros de rua e de café; o papel; o correio; a carta; a gazeta manuscrita; a sátira e o pasquim. Obra recomendável, não apenas para os estudantes de história, mas igualmente para os de biblioteconomia.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

CASTRO (Therezinha de). — *História documental do Brasil*. Prefácio de Delgado de Carvalho. Rio de Janeiro. Distribuidora Record. 1968. 416 págs.

A publicação de textos e documentos que possam servir aos estudantes de História, é empreendimento do mais alto valor e interesse cultural. Por isso, folgamos com a publicação do presente volume, que reúne documentos fundamentais da história brasileira desde a bula *Inter coetera* até textos importantes relativos à situação atual do país. Era sentida a falta de um trabalho dessa natureza, especialmente depois da publicação, nos Estados Unidos, do excelente livro do Pro-

fessor Burns sôbre a história documental brasileira. E' claro que na elaboração de um volume de textos haverá sempre muito de pessoal, especialmente no que respeita ao critério da seleção. Mas qualquer que seja a restrição que se tenha a fazer ao critério que presidiu à elaboração do presente volume, não se deixará de reconhecer seu valor e, especialmente, sua utilidade para os estudantes e professores de história do Brasil, que, nas Faculdades de Filosofia lutam não raro com grandes dificuldades para obtenção de material para os seus trabalhos de seminário. Obra que vem preencher, portanto, uma lacuna na bibliografia histórica do Brasil.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

OLMSTEAD (Clifton E.). — *Religion in America. Past and Present.* 1961. Prentice Hall Inc. Englewood Cliffs, N. J.

*Religião na América* revela o panorama da vida religiosa americana desde os primórdios da época colonial até a atualidade.

Partindo da colonização o autor demonstra que devido a migração de diferentes seitas religiosas criaram-se colônias com mentalidades, costumes e religiões diferentes. Analisa as diversificações religiosas que dominaram a América, destacando como características principal e constante da religião americana, a metamorfose.

Sem entrar em pormenores desnecessários, o autor é bem explícito quando fala das diversas seitas religiosas (quakers, anglicanos, puritanos, etc.), sua evolução, conflitos, esmorecimento e o seu nôvo despertar.

Trata, por exemplo, do problema urbano influido e modificando a mentalidade religiosa: de como "a ardente devoção pelas coisas do espírito é abandonada para cair numa indiferença letárgica".

Mostra ainda como, dentro dêsse mesmo problema, o comércio faz com que focalizem a atenção nos interesses materiais, deixando de parte as preocupações espirituais.

Mais adiante trata da importância do despertar religioso que vai fazer desaparecer o sectarismo e o regionalismo, fazendo nascer uma interdependência entre as colônias e um grande senso de comunidade, baseado no ideal de uma humanidade comum

Então, o autor descreve a influência do existencialismo teológico e a crise da 1a. Guerra Mundial.

No decorrer da exposição afirma e procura provar o papel da religião como instituição básica do complexo cultural americano e, portanto, responsável em grande parte pelas linhas mestras de desenvolvimento no processo cultural da América.

Em suma, a obra mostra como, num período de 350 anos, a herança religiosa da Velha Europa foi adaptada, moldada e assimilada no continente americano e como, apesar da heterogeneidade e das ideologias conflitantes e de sua marca europeia se tornou uma religião americana.

BEATRIZ H. G. DE CARVALHO